



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS

CAMUS E TUDO EM TODO LUGAR AO MESMO TEMPO:
O CINEMA COMO ILUSTRAÇÃO DO ABSURDO

REBECA CRISTINA DE AVELAR TAMBELLINI

Rio de Janeiro

2025

REBECA CRISTINA DE AVELAR TAMBELLINI

CAMUS E TUDO EM TODO LUGAR AO MESMO TEMPO:
O CINEMA COMO ILUSTRAÇÃO DO ABSURDO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Francês.

Orientador: Prof. Dr. François Weigel

Rio de Janeiro
2025

FOLHA DE AVALIAÇÃO

CAMUS E TUDO EM TODO LUGAR AO MESMO TEMPO:
O CINEMA COMO ILUSTRAÇÃO DO ABSURDO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Francês.

Data de avaliação:

RESUMO

Um dos maiores legados de Albert Camus é o “ Absurdo”, descrita em seu livro *O mito de Sísifo* que ao longo de décadas recebe interpretações e análises para explicar o processo de consciência do Absurdo. O objetivo desta análise é identificar a possibilidade de uma representação visual do Absurdo através do filme *Tudo em todo lugar ao mesmo tempo*, de 2022. Após identificar pontos-chave do conceito do Absurdo (o absurdo, a revolta, o suicídio, o amor), todo o filme é esmiuçado, observando vídeo, roteiro e fotografia para extrair trechos e elementos que conversem com os pontos-chave do livro definidos anteriormente. Com a análise, foi possível estabelecer conexões objetivas entre filme e livro. Os personagens principais ilustram a jornada desse indivíduo descrito por Camus que se percebe no absurdo. Há diálogos que verbalizam as impressões dessa jornada, por exemplo quando os protagonistas se interrogam sobre o que é a verdade e o que realmente importa na vida. Além deste momento, ainda há outros que refletem a escolha pelo suicídio ou pela solidariedade no final.

Palavras-chave: Camus; Absurdo; Cinema.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Sísifo, ilustração de Jeffrey Hummel.....	10
Figura 2 - Pôster do filme.	11
Figura 3 - Evelyn.....	12
Figura 4 - Jobu Tupaki.....	13
Figura 5 - Versões de Jobu Tupaki.....	13
Figura 6 - Agente secreto Waymond.....	14
Figura 7 - Waymond marido de Evelyn.....	14
Figura 8 - Mafalda e Susanita.....	15
Figura 9 - Comer protetor labial.....	18
Figura 10 - Grampear a própria testa.....	18
Figura 11 - Universo das pedras.....	20
Figura 12 - O bagel.....	22
Figura 13 - Imagem de um buraco negro na via láctea captado pela Nasa.....	22

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1. A MITOLOGIA DE SÍSIFO	9
1.2. O FILME: <i>TUDO EM TODO LUGAR AO MESMO TEMPO</i>	11
2. O ABSURDO	15
2.1. O COMEÇO	16
2.2. A REVOLTA	18
2.3. O SUICÍDIO	21
2.4. O AMOR	24
3. CONCLUSÃO	27
4. BIBLIOGRAFIA	28

1.INTRODUÇÃO

O Absurdo de Albert Camus traz uma reflexão sobre o estranhamento da vida comum. Um conceito que foi apresentado em 1942, no seu livro *O Mito de Sísifo*, mas hoje possui ecos nos mais diversos ambientes e comunidades. No contexto atual da sociedade em que vivemos é possível observar discussões sobre ambiente de trabalho, ritmo de vida, padrões de comportamento e cobrança de metas de vida, porém sem a intencionalidade de abordar a ideia de Camus em si (seja por desconhecimento ou falta de identificação com a ideia) A estrutura social está sendo questionada, as diferenças geracionais estão ficando mais evidentes e, com a ajuda das redes sociais, as novas gerações estão expressando as suas frustrações diante da descoberta de que a lógica de vida que nos foi ensinado desde pequenos, não funciona, não é regra. E ainda constatam que seguir cegamente essa lógica adoece. O que funcionava há 30 anos não funciona hoje, porém o questionamento ainda é um inconveniente para os grupos dominantes favorecidos pela organização social atual (governos, classes mais ricas, empresários, instituições religiosas) e que deve ser suprimido e mascarado sob a automatização do dia a dia, onde problemas causados pela estrutura da sociedade são rebatidos com soluções individualistas.

Se antes os indivíduos sofriam isolados, se questionando por que não se encaixavam, por que não viam sentido no sistema, no fluxograma de vida, agora a internet, as redes sociais permitiram que esses indivíduos se comunicassem de diversas partes do mundo, estabelecessem dessa forma uma identificação entre os jovens e adultos que estão ocupando o mercado de trabalho. O questionamento não pode mais ser ignorado, os elementos para reflexão estão expostos e movimentos surgem para contrapor esse sistema. Conceitos como o *mindfulness*¹ é reflexões como no livro *A Sociedade do Cansaço* (Han, 2015), passando por debates, palestras, podcasts, séries e filmes trazem em algum momento essa inquietação sobre a consciência de que é difícil, senão impossível, alcançar as metas de vida que representam sucesso. Discussões sobre como aproveitar o momento presente sem se corroer com a pressão de construir um futuro ideal. Entre essas representações atuais há o filme *Tudo em todo lugar ao mesmo tempo* (2022).

O filme não fala do Absurdo, não se refere a Camus, mas o desenvolvimento da consciência e o questionamento estão lá. É importante lembrar que Camus foi um homem franco-argelino, que terminou seus estudos e se estabeleceu na França, dentro de uma

¹ “começa trazendo consciência para a experiência corrente... através da regulação do foco de atenção. O que leva ao sentimento de estar bem alerta ao que está acontecendo aqui e agora” (Bishop, 2004)

estrutura social ocidental, e faleceu em 1960, enquanto que o filme de 2022 tem como referência uma família imigrante chinesa que vai viver nos Estados Unidos. No filme temos o contraponto entre a tradição chinesa representada pelo avô da família, e a jornada de uma mulher chinesa que lida com a crise existencial da filha adolescente. Aparentemente não há muito em comum entre o livro de Camus e o filme, mas os elementos do caminho para o reconhecimento do absurdo estão nítidos, como o estranhamento em relação ao cotidiano, o desenvolvimento da consciência em meio ao apego à lógica e redirecionamento da vida após a revolta.

E assim surgiu a ideia para esta pesquisa, coletar elementos do filme que conversam com *O Mito de Sísifo* (Camus, 2017). O objetivo desta análise é identificar a possibilidade de uma representação visual do Absurdo através do filme *Tudo em todo lugar ao mesmo tempo* (2022). A análise tem como base o próprio Camus e, após identificar pontos-chave do conceito do Absurdo (o absurdo, a revolta, o suicídio ou a solidariedade), o filme é analisado como um todo; foram observados diálogos, descrições cênicas, personagens e fotografia, ao mesmo tempo que foi feito um fichamento de citações do livro. As passagens do livro estão indicadas com as páginas de onde foram retiradas e as cenas do filme com o *timecode*, indicando o momento em que ocorrem. As falas e descrições do filme foram retiradas do roteiro original em inglês e traduzidas por mim.

Com a análise, foi possível estabelecer conexões objetivas entre filme e livro. Os personagens principais ilustram a jornada desse indivíduo descrito por Camus que se percebe no absurdo, há diálogos que verbalizam as impressões dessa jornada, por exemplo quando os protagonistas se interrogam sobre o que é a verdade e o que realmente importa na vida. Além deste momento, ainda há outros que refletem a escolha pelo suicídio ou pela solidariedade no final.

1.1. A MITOLOGIA DE SÍSIFO

Na mitologia grega, Sísifo era filho de Éolo, deus dos ventos, e rei de Corinto. Ele é conhecido por ter enganado a morte e os deuses duas vezes e por ter recebido um castigo eterno, servindo de exemplo para que os outros humanos não tentassem o mesmo.

Na primeira vez, Zeus envia Tânato (a morte) para buscar Sísifo e levá-lo ao reino de Hades (deus do mundo dos mortos). Mas Sísifo consegue enganar Tânato e o prende, impedindo que as pessoas morram. Com isso Hades recorre a Zeus para ajudar a soltar Tânato que imediatamente captura Sísifo e o leva para o Hades. Mas antes de tudo isso, Sísifo, já imaginando que seria levado um dia, orientou sua esposa Mérope a não realizar os rituais fúnebres e isso impediu que Hades recebesse o morto, o qual imediatamente pediu desculpas pelo erro da esposa. Sísifo disse que retornaria ao mundo dos vivos e a puniria pelo erro. Ele, de fato, voltou ao mundo dos vivos e essa se tornou a segunda vez que enganou os deuses. Viveu até uma idade avançada até falecer de velhice e finalmente teve que ir e ficar no mundo dos mortos.

Por precaução, os deuses lhe deram um castigo eterno que consistia em rolar uma grande pedra morro acima que, ao chegar no topo, rolava morro abaixo. O objetivo era que ele sempre se mantivesse ocupado sem tempo de descansar ou pensar em artimanhas para escapar novamente.

Sísifo cuja tarefa consistia em rolar uma enorme pedra até o alto de um morro, mas quando já se encontrava bem avançado, a pedra, impelida por uma força repentina, rolava de novo para a planície. Sísifo a empurrava de novo, mas em vão. (Bulfinch, 2000, p.321)

Ao conhecer a história de Sísifo, a intenção dos deuses em mantê-lo ocupado para que não tivesse tempo de planejar outro modo de escapar, nos permite entender porque Camus o chama de “proletário dos deuses” quando escreve:

Este mito só é trágico porque seu herói é consciente. O que seria a sua pena se a esperança de triunfar o sustentasse a cada passo? O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas, e esse destino não é menos absurdo. Mas só é trágico nos raros momentos em que se torna consciente. Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda

a extensão de sua miserável condição: pensa nela durante a descida. (Camus, 2017, p.194)

A atividade é repetitiva e cansativa até o ponto que se torna automática. Porém, quando a pedra rola morro abaixo, a pedra não pesa mais, ele não está mais ocupado em não deixá-la cair. É o tempo que Sísifo tem para pensar, não necessariamente em uma fuga, mas para se perguntar por que está ali, realizando exatamente o mesmo trabalho todos os dias, do mesmo modo, no mesmo lugar. Camus diz: “É durante esse regresso, essa pausa, que Sísifo me interessa.” (Camus 2017, p.194). É nesse momento que a consciência pode acontecer e cada dia se torna uma escolha consciente do absurdo, não mais automático, principalmente no momento do retorno. O retorno não precisa ser cegamente guiado pela tarefa. “É preciso imaginar Sísifo feliz.”(Camus, 2017, p. 198)



figura 1: Sísifo, ilustração de Jeffrey Hummel

1.2. O FILME: *TUDO EM TODO LUGAR AO MESMO TEMPO*

O filme *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo* (*Everything Everywhere All at Once*), 2022, foi dirigido por Daniel Kwan e Daniel Scheinert, com Michelle Yeoh (Evelyn), Stephanie Hsu (Joy), e Ke Huy Quan (Waymond). É um filme intenso onde Evelyn, Joy e Waymond viajam em universos diferentes se questionando sobre suas escolhas de vida. Ao longo dessa jornada, deparam-se reflexões sobre o sentido da vida, relações familiares e modos diferentes de lidar com as frustrações que surgem.



figura 2: Pôster do filme. Disponível em: <https://www.primevideo.com>

Dois conceitos são centrais para o filme: o Multiverso e o Bagel. O Multiverso é um conceito muito falado e usado nos últimos anos em filmes e séries de diversas formas. No caso deste filme trata-se de vidas alternativas que acontecem ao mesmo tempo em universos diferentes. Um indivíduo leva sua vida comum no universo que conhecemos e vivemos, mas há outras versões de si que tomam outras decisões e conseqüentemente outras linhas de vida se formam. No filme, uma organização que possui tecnologia avançada, o Alfaverso, é responsável por manter a harmonia da existência dessas vidas nestes universos alternativos. Para manter esse controle, eles desenvolvem uma forma de saltar de um universo para outro para se transportar e interferir nas linhas de vida.

Com isso, um segundo conceito precisa ser observado, isto é, a criação de um Bagel (tipo de pão em formato de rosquinha) que se opõe à ideia de explorar os outros universos. Na verdade, ele foi construído pela personagem Joy/Jobu para funcionar como um buraco-negro que vai engolir tudo o que existe, ser vivo ou não, luz, ideia, memória. O indivíduo que se entrega a esse buraco-negro abre mão também da possibilidade de existir em outras vidas, alterando a estabilidade harmoniosa do multiverso. Este bagel se torna uma preocupação para a organização Alfaverso, pois causa uma perturbação, um desequilíbrio imenso que poderia levar tudo e todos ao caos. Eles não querem entender a motivação da criação do bagel, querem apenas impedir Jobu e eliminar a perturbação.

O filme utiliza em vários momentos cenas com cortes rápidos e transições em um ritmo frenético para expor uma amostra de todas as possibilidades dos universos alternativos e como se transita entre esses universos. São flashes, luzes piscantes, sons indefinidos além da própria expressão de atordoamento da personagem. Um movimento que traz a ideia de percepção do filósofo Maurice Merleau-Ponty nas artes visuais. Segundo Merleau-Ponty “é através da percepção que podemos compreender a significação do cinema: não se pensa o filme, percebe-se” (1996, p.42) e “quando percepciono, não penso o mundo, ele organiza-se perante mim” (2006, p. 123) Não há tempo para pensar sobre o que se está vendo, é para ser percebido, criar uma impressão no espectador e dar acesso à experiência da personagem. Para alguns, a sensação de confusão e atordoamento se torna real.

Os cenários têm marcações que evidenciam ser universos diferentes, o uso de cores ajuda a construir a identidade dos personagens através dos figurinos e o elenco tem um papel muito importante na narração e apresentação destes personagens, já que as versões dos universos alternativos de cada personagem muitas vezes variam apenas na postura, nos gestos e tom de voz. Nesta pesquisa, essas características foram levadas em conta.

Personagens:

Evelyn

É a personagem principal do filme. É uma imigrante chinesa que, junto com o marido, também chinês, vai viver nos Estados Unidos e tem uma pequena lavanderia administrada



pelos dois. Aparentemente ganham o suficiente para sustentar a casa e a filha, mas vivem com o dinheiro contado. O espectador acompanha a jornada de Evelyn para a compreensão da “verdade”. Ela estava vivendo sua vida comum, cumprindo suas obrigações do dia-a-dia de modo resignado, mas é arrancada dessa realidade e é deslocada para viagens no multiverso que mostram as vidas alternativas. Nesse processo ela aprende a repensar a realidade que conhecia e é apresentada a duas opções de como lidar com essa realidade cristalizada e limitada.

figura 3: Evelyn. Disponível em:
<https://valkirias.com.br/tudo-em-todo-lugar-no-mesmo-tempo-multiverso-e-drama-familiar/>

Joy/Jobu Tupaki



figura 4:Jobu Tupaki / Joy. Disponível em: <https://screenrant.com/what-happens-jobu-joy-everything-everywhere-all-at-once/>



figura 5: versões de Jobu Tupaki. Disponível em <https://www.hollywoodreporter.com>

Joy é a filha adolescente de Evelyn. Ela não se encaixa na vida que tem ao lado dos pais e do avô. Há um conflito causado também pelo fato de os pais serem imigrantes chineses e ela ter nascido e crescido nos Estados Unidos. O seu desconforto e frustração são visíveis. Não consegue conversar com a mãe que acha que ela é apenas uma filha rebelde e imatura. Mas descobrimos ao longo do filme que na verdade ela é Jobu Tupaki, um ser cuja mente foi sobrecarregada com as experiências no multiverso e que Joy é apenas uma de suas versões. Ela tenta mostrar à Evelyn o que ela considera “a verdade” da vida: nada importa. Joy é responsável por mostrar uma das opções de como lidar com a vida comum: se deixar ser engolida pelo vazio e escuridão de um buraco negro em forma de bagel.

A caracterização da personagem acompanha a facilidade que ela tem em transitar em universos tão diferentes. Cabelo, maquiagem, figurino mudam a cada cena, apresentando uma composição que contém elementos que parecem pertencer a vidas completamente diferentes. Essa ideia ajuda a mostrar que é um único indivíduo que frequenta todos os universos, recolhe todas as informações que consegue e se expressa com todas as referências que possui. Ela é um ser absoluto e ilimitado.

Waymond



figura 6: Agente secreto Waymond. Disponível em: <https://collider.com/ke-huy-quan-oscar-acceptance-speech-video/>



figura 7: Waymond marido de Evelyn. Disponível em: <https://asylums.insanejournal.com/capseroo/353535.html>

Waymond é o marido de Evelyn. Evelyn é mais preocupada com todos os detalhes burocráticos da vida, em não desagradar o pai conservador, administrar a lavanderia da família e demonstra estar constantemente consumida por essa preocupação e pela culpa. Em contraste, Waymond surge como alguém amigável, pacífico, comunicativo e otimista. Porém, esse Waymond amigável apresentado como o marido da personagem principal, na verdade é mais uma das versões de um Waymond que viaja pelo multiverso em busca de alguém que possa enfrentar Jobu Tupaki. Por ser um funcionário do Alfaverso, ele precisa cumprir sua missão.

Ao mesmo tempo que temos essa versão viajante que luta pela manutenção do equilíbrio da vida como ela é, a versão do Waymond amigável que aparece no início do filme é responsável por apresentar à Evelyn a outra alternativa para viver a vida: a gentileza. A diferença da representação do personagem muitas vezes é marcada apenas por uma mudança de postura e tom de voz. Há momentos de mudança de figurino, as vivências são diferentes e variam de universo para universo, mas todos de alguma forma mostram que a essência do Waymond é a mesma.

2. O ABSURDO

Antes de encontrar o absurdo, o homem cotidiano vive com metas, uma preocupação com o futuro ou a justificação (não importa em relação a quem ou a quê). Avalia suas possibilidades, conta com o porvir, com sua aposentadoria ou o trabalho dos filhos. Ainda acredita que alguma coisa em sua vida pode ser dirigida. (Camus, 2017, p.96)

Segundo Aristóteles, o homem é um ser social e aquele que vive sem cidade ou é um ser degradado (um animal) ou está acima da humanidade (um deus). Logo, vivemos inseridos em uma sociedade, e esta sociedade possui uma estrutura na qual se sustenta e se mantém em funcionamento. É comum que a existência se torne um fluxograma ao qual nós somos apresentados desde a infância, como Quino nos apresenta de modo criativo em um dos seus quadrinhos da personagem Mafalda:



figura 8: Mafalda e Susanita (Quino , 2003).

É um caminho sem desvios, de modo linear, lógico, com causas e consequências bem definidas, basicamente padronizadas. Somos ensinados a buscar conforto na ordem, no previsível, no que “faz sentido”. A estabilidade socialmente prescrita em todas as áreas da vida é vista como o sucesso a ser almejado. Deve-se evitar e rejeitar tudo que seja divergente, alternativo, pois pode levar ao caos, e o caos é a destruição certa, o apocalipse. Toda essa estabilidade, que precisa de tanta vigilância, na verdade é frágil e acessível apenas a alguns e, a outros, apenas por um certo tempo. Seguimos no automático porque é assim que todo mundo faz e sempre foi feito assim. Até que um dia uma causa acontece, mas a consequência não é a que aparece no fluxograma. Começamos a ver pessoas alcançando êxitos na vida fora da lógica, ao mesmo tempo que vamos tomando consciência de que seguir as regras o tempo todo não é garantia de paz e estabilidade.

E o “por quê?” vem. Por que o mesmo caminho para o trabalho sempre? Por que eu só me visto com as mesmas cores? Por que eu nunca tentei aquele curso? Por que eu só bebo a mesma marca de café? Por que todos parecem apenas cumprir as mesmas regras sociais, institucionais, religiosas, e ainda assim existem vidas tão diferentes?

O que era uma visão nítida, em HD, agora começa a ter interferências, fica borrada, embaçada, como se houvesse outro sinal clandestino querendo entrar na transmissão. Vivemos em uma sociedade onde até mesmo fazer esses questionamentos pode assustar alguns. São perguntas que balançam a ilusão de estabilidade, concretude e certeza. E esse susto leva ao medo, o medo leva ao silenciamento. O ideal é não questionar, está tudo em ordem, a vida é assim porque obviamente é assim que ela funciona.

Mas o “por quê?” já se instalou. O que resta é observar, a busca cega pela razão não domina mais.

2.1. O COMEÇO

O início do processo de tomada de consciência é mostrado em Camus em um parágrafo que conversa diretamente com uma fala do filme, onde são enumerados elementos da rotina diária de um adulto comum. Porém o esforço de trazer de volta a “clareza” (Camus, 2017, p.39) e “como as coisas deveriam ser” (Tudo..., 2022, 37:01) são movimentos distintos. Respectivamente: um interno, do próprio indivíduo; e outro externo através do controle da organização do Alfavverso.

O filme tem a capacidade de nos mostrar visualmente esse despertar, ao acompanharmos a personagem Evelyn. Sua postura, seus comentários e os flashbacks facilitam o entendimento do que Camus nos explica em sua ideia. Não apenas imaginamos, mas podemos nos sentir no lugar de Evelyn e experienciar com ela. Assim temos, segundo Camus:

Cenários desabarem é coisa que acontece. Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia, surge o “por quê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. “Começa”, isto é o importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida

maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ela o desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o despertar definitivo. Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento. (2017, p.33)

Enquanto o filme nos apresenta a seguinte fala:

Algo parece fora do lugar, suas roupas não vestem igual no dia seguinte. Seu cabelo não fica do mesmo jeito. Até o seu café não tem o mesmo gosto... nossas instituições estão desmoronando. Ninguém confia mais nos vizinhos. E você fica acordado à noite se perguntando... - Como podemos voltar ao que era? - Essa é a missão do Alfaverso, nos trazer de volta a como as coisas deveriam ser. Mas isso começa com o fato de encontrar aquele que pode enfrentar esse perverso manto de caos. (Tudo..., 2022, 37:00)

Evelyn pergunta a Waymond, o agente do Alfaverso, o que pode ser pior que a morte. Ele fica nervoso só de imaginar o que seria pior. Ele, enquanto indivíduo que depende da “exigência de familiaridade, o apetite de clareza”(Camus, 2017, p.39), abomina o caos e faz de tudo para encontrar a base sólida para seguir vivendo. É assim que encontra conforto em manter o sistema como é, seguindo o fluxograma da vida, cumprindo as obrigações e burocracias diárias.

Segundo Camus, “o retorno à consciência, a evasão para fora do sono cotidiano representam os primeiros passos da liberdade absurda” (2017, p. 99). Como seguir na resignação de voltar ao que era depois da estranheza?

No filme, situações absurdas como propositalmente inverter os pés do sapato, comer protetor labial, grampear um papel na testa, são catapultas para dar saltos (“Salto-verso” / “*Verse-jump*”) de um universo para outro e alcançar todas as potencialidades daquele indivíduo em todas as suas vivências possíveis.

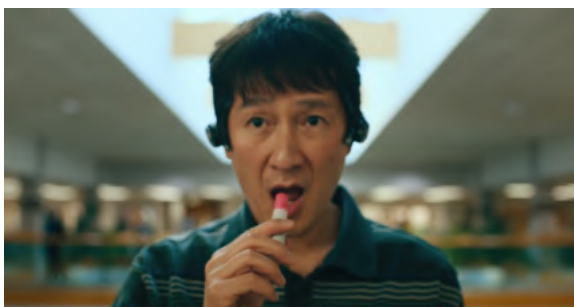


Figura 9: Comer protetor labial (Tudo..., 2022, 28:31)



Figura 10: Grampear a própria testa (Tudo..., 2022, 38:04)

Assim, o absurdo não é apenas reconhecido, é aceito e é incorporado para exercer todas as possibilidades da vida. É a forma como Evelyn vivencia o estranhamento, o desenvolvimento da consciência, é de fora pra dentro, sendo obrigada a ver que há muito mais além da vida ordinária à qual está acostumada. E que mesmo os gestos mais absurdos podem ser necessários para alcançar o objetivo desejado. É quando o indivíduo de Camus ousa se entregar aos questionamentos, aos “por quês”.

2.2. A REVOLTA

Com as perguntas, surge a tentativa de encontrar respostas que tragam de volta o conforto da certeza. E alguma referência precisa existir para nortear esse retorno. Alguns buscam esse conforto com a religião, mas Camus, enquanto ateu, recusou essa opção e se questionou sobre a moral religiosa e a moral da sociedade em que vive. Ao se ver sem justificativas mais concretas para determinar seus objetivos de vida, o indivíduo se vê diante de uma sociedade com valores e objetivos vazios e sem sentido. É apenas um operário preso à repetição eterna dos ciclos da vida, como o rei Sísifo, condenado a carregar eternamente uma pedra morro acima absolutamente em vão.

O indivíduo de Camus mantém a memória das suas experiências de vida e vai moldando sua mente de acordo com o que vivencia. Para Camus, “a moral de um homem, sua escala de valores, só tem sentido pela quantidade e variedade de experiências que lhe foi dado acumular” (2017, p.101). Quanto mais experiências, mais acesso a realidades diversas, às vezes opostas ou complementares. E quanto mais experiências, mais fluida se torna a moral. No filme, Joy/Jobu Tupaki vivenciou todas as experiências possíveis, todas as alternativas e

não pode mais evitar essa configuração de vida. A explicação que existe no filme para a formação de um ser tão poderoso é descrita na seguinte fala:

Porém existiu uma que era muito mais poderosa que os outros. Nossa pequena exploradora. Você via seu potencial, então forçava ela além do seu limite. ... Uma mente sobrecarregada geralmente morre, ao invés disso a mente dela se fragmentou. Agora ela consegue vivenciar todos os mundos, todas as possibilidades, exatamente ao mesmo tempo, comandando o conhecimento e poder infinitos do multiverso. Agora ela viu coisa demais, perdeu qualquer senso de moralidade e qualquer crença em uma verdade objetiva. (Tudo..., 2022, 50:00)

A perda do “senso de moralidade” de Joy/Jobu a partir dessa existência errante nos remete ao momento em que Camus diz que

...em toda parte o absurdo nasce de uma comparação. Tenho fundamentos para dizer, então, que o sentimento do absurdo não nasce do simples exame de um fato ou de uma sensação, mas sim da comparação entre um estado de fato e uma certa realidade, uma ação e o mundo que a supera. O absurdo é essencialmente um divórcio. Não consiste em nenhum dos elementos comparados. Nasce de sua confrontação. (2017, p.58)

Joy/Jobu Tupaki e tudo que a define são fruto das comparações das realidades diversas.

Assim ela se torna a facilitadora do processo de tomada de consciência de Evelyn. Evelyn vai perdendo o medo do caos e das incertezas. Percebe que os valores morais aos quais se apegava também são fluidos e que seguir as regras não traz garantias, que planejar não garante realização, que se empenhar não impede a frustração. Ela grita, reage e toma atitudes que antes não teria coragem no percurso normal da vida.

Nas palavras da própria Evelyn:

Um novo ano... e ainda seguimos com as cabeças erguidas, fingindo que nós sabemos o que estamos fazendo. Mas na realidade estamos apenas andando em círculos. Lavando roupas e pagando impostos. Roupas e impostos... -Ela pega os papéis do divórcio e assina rapidamente. - Não vamos mais correr

em círculos. - Jobu empolgada acena com a cabeça. Ela estava finalmente vendo a verdade. (Tudo...,01:36:25)

E então, em uma conversa aberta e sincera, Evelyn pergunta a Joy qual é a verdade. Joy simplesmente responde: “Nada importa” (Tudo..., 2022, 01:01:01). E não apenas isso, mas também declara que “Não há regras!” (2022, 01:54:44) em um momento do filme onde elas existem sob a forma de pedras no meio do deserto decoradas com olhos de plástico. Uma forma de mostrar que realmente não há regras para a existência, as possibilidades são infinitas.



figura 11: Universo das pedras (Tudo..., 2022, 01:54:44)

E encontramos em Camus o seguinte trecho:

Se nada é verdadeiro, se o mundo não tem regras, nada é proibido: para proibir uma ação, é efetivamente preciso que haja um valor e um objetivo. Ao mesmo tempo, nada é permitido: são igualmente necessários um valor e um objetivo para escolher uma outra ação. (2017, p.100)

E então, com essa percepção construída, seguimos acompanhando Evelyn que agora precisa decidir o que fazer diante da perda da clareza familiar que acreditava possuir sobre o mundo. Entregar-se à escuridão do vazio (suicídio) ou seguir vivendo ajustando a vida para uma vivência mais positiva, porém realista e consciente (gentileza/amor).

2.3. O SUICÍDIO

Nada faz sentido. Nada importa. Então o que fazer?

Talvez o momento mais doloroso seja se deparar com o vazio abismal da falta de sentido. O indivíduo consciente tenta se agarrar a alguma corda, tenta encontrar uma tábua de salvação, alguém para segurar a mão no último segundo, mas apenas, parafraseando Nietzsche, após passar tanto tempo olhando para esse vazio vê apenas o abismo olhando de volta (1992, p. 79).

Imagine sair da caverna, passar pelo parto doloroso da descoberta da verdade, e ao invés de se maravilhar com o novo mundo trazido pela libertação, apenas olhar para o horizonte aberto, vazio, sem um ponto final, sem paradas no caminho, sem um sinal. Um primeiro reflexo seria seguir em frente, ir em direção a essa vastidão, impulsionado por aspirações e esperanças geradas por um novo objetivo a ser conquistado. Mas quando a consciência de que o objetivo concreto não existe por ser apenas uma ideia volátil, esse primeiro ato reflexo, cede lugar ao questionamento. Nesse momento a pergunta não é mais “em que direção seguir?”, mas “por que seguir?”.

Para Camus o vazio, a escuridão é um “verme que se encontra no coração do homem. Lá é que se deve procurá-lo. Esse jogo mortal que vai da lucidez diante da existência à evasão para fora da luz deve ser acompanhado e compreendido” (2017, p.20). Mais uma vez o filme oferece perspectivas interessantes para interpretar o Absurdo de Camus. Neste caso, Joy/Jobu já passou pelo mesmo processo de descoberta que Evelyn, mas o vazio da consciência do absurdo “ocupou” o coração de Joy (cujo nome ironicamente agora não combina mais com o estado de espírito da personagem: “Joy” em inglês é “alegria”) e ela decide transfigurar esse vazio no formato de um bagel.

Um bagel. Um dia eu fiquei entediada. Então coloquei absolutamente tudo em um bagel. Todas as minhas esperanças e sonhos em um bagel. Meus boletins da escola. Todas as raças de cachorro. Todos os anúncios publicados. ...Gergelim, Sementes de papoula. Sal. O bagel colapsou, e se tornou isto. A verdade. (Tudo..., 01:00:16)

O bagel é uma escolha inteligente no filme, pois se assemelha muito ao próprio formato de um buraco negro divulgado pelos cientistas da Nasa. Reforçando o movimento de colapso que é o mesmo que ocorre com uma estrela que se torna um buraco negro.

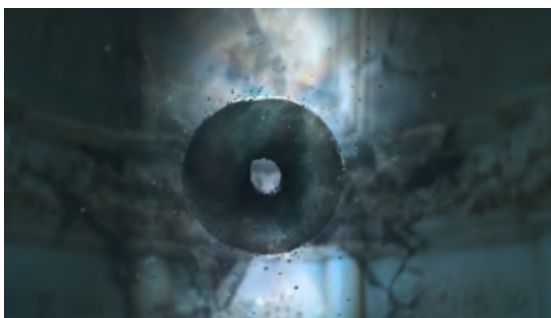


figura 12: O bagel (Tudo..., 2022, 01:00:18)



figura 13: Imagem de um buraco negro na via láctea captado pela Nasa . Disponível em: <https://www.nasa.gov/universe/what-are-black-holes/>

Esse vazio na forma de um buraco negro nos traz a ideia de uma não existência absoluta, onde tudo se iguala na não importância. A própria Joy explica que tudo está lá (de memórias de infância às contas para pagar), tudo é engolido pela falta de sentido, pelo vazio. Todas as referências se perderam e se vão, todas as experiências nas outras vidas mostraram para Joy que tudo depende de um contexto social e temporal para que tenham valor/sentido ou não.

Ao ser apresentada a esse buraco negro, Evelyn sente esse ar diferente e a compreende. Joy sabia disso, sabia que Evelyn entenderia o vazio por ser alguém que também passou pelo Começo e a Revolta.

Mas a primeira reação de Evelyn é a mais esperada: a recusa, o espanto diante do suicídio (no caso do filme, se entregar ao buraco negro). Uma pessoa bem ajustada, que tem tudo jamais se entregaria ao vazio. Há uma vida pela frente, Joy deve estar apenas confusa. Mas não é o caso. Ela viu que as normas não se aplicam a tudo, o tempo todo e em todo lugar. Joy/Jobu então resume o que ela entende por viver na ideia de que “nada importa”: “Isso dá uma sensação boa, não é? Se nada importa, então toda a dor e culpa que você sente por não fazer nada da sua vida vão embora também. Engolidos por um bagel.” (Tudo..., 2022, 01:01:15). Não dá pra viver no futuro e nada no passado prende mais. Não há o que consertar, perpetuar e Evelyn começa a refletir sobre o que seria viver nessa consciência de que nada importa.

Quando a escuridão se sobrepõe à clareza, torna-se inevitável e densa, pode devorar tudo o que faz parte da nossa existência, como um buraco negro. O caos se torna regra, a única constante, e, de repente, nada importa. A noção de tempo se desfaz, as prioridades mudam a cada minuto, tudo perde sentido de ser. O que se torna claro é que toda a ordem que cumprimos são ciclos que ocorrem em contextos diferentes, mas todos são a mesma pedra a

ser levada para o topo da montanha, que ao chegar no topo cai, repetindo o mesmo ciclo ou assumindo um novo contexto.

Ao mesmo tempo, o buraco negro se colapsa ainda mais e o futuro distante, com suas metas, propósitos e expectativas (internas ou da sociedade) se torna vago. Viver mais 1 dia se torna igual a viver mais 1 mês ou 1 ano ou 10 anos. “A dor e culpa que você sente por não fazer nada da sua vida” não despertam mais medo. O fracasso é apenas mais um momento que passa. A vivência do presente se torna mais inteira, plena e o apego ao futuro vai perdendo a força. Ao mesmo tempo, o desgaste do conhecimento das experiências leva à exaustão ao saber que tudo se resume a ciclos que vão se repetindo e caindo morro abaixo. E podemos ver Joy sendo engolida por esse colapso, como uma vítima do próprio bagel que criou, uma “vítima de suas verdades”, como diria Camus:

...um homem é sempre vítima de suas verdades. Uma vez que as reconhece, não é capaz de se desfazer delas. Precisa pagar um preço. Um homem consciente do absurdo está ligado a ele para sempre. Um homem sem esperança e consciente de sê-lo não pertence mais ao futuro. (Camus, 2017, p.60)

Joy/Jobu é um superlativo desse processo de se entregar à escuridão. É a versão absolutamente intensa, exagerada e visual desse processo interno e silencioso. É uma das vozes com as quais Evelyn tem contato após a revolta. É uma das opções de como lidar com a vida na consciência do absurdo. Ou, neste caso, o não lidar. “Você sabe porque eu construí o bagel? Não foi para destruir tudo. Foi para me destruir. Eu queria ver que se eu entrasse nele, eu morreria. Tipo, realmente morrer.” (Tudo..., 01:42:24). Aqui, vale lembrar das palavras de Camus: “Aqueles que se suicidam, pelo contrário, costumam ter certeza do sentido da vida. Tais contradições são constantes. Pode-se mesmo dizer que nunca foram tão vivas como neste ponto em que a lógica, ao contrário, parece tão desejável.” (Camus, 2017, p.23)

2.4. O AMOR

Ao longo do filme lidamos com dois Waymonds, ambos representam a vida que segue, a escolha por se manter vivo mesmo após se deparar com o absurdo. O primeiro Waymond que conhecemos é o marido de Evelyn, um homem simples, amigável que aparenta uma ingenuidade diante da vida. O outro Waymond é o agente secreto que vai nos acompanhando ao longo do filme, sempre empenhado em fazer as coisas voltarem a ser o que eram antes e conter o caos.

Porém, ao final, tomamos conhecimento da essência do primeiro Waymond, “a única coisa que eu sei é que devemos ser gentis. Seja gentil. Principalmente quando não sabemos o que está acontecendo.” (Tudo..., 01:45:30). Enquanto isso, um Waymond mais sofisticado, de outro universo, nos revela a verdadeira estratégia da gentileza, não é ingenuidade, é de propósito, é sobrevivência. A gentileza é uma escolha consciente:

Você me fala que o mundo é cruel e que todos estamos apenas andando em círculos. Eu sei disso. Eu estou vivo há tanto tempo quanto você. ... Quando eu escolho ver o lado bom das coisas, não estou sendo ingênuo. É estratégico e necessário. É como eu aprendi a sobreviver a tudo. (Tudo..., 01:45:14)

Evelyn quase vai com Jobu para o bagel/buraco negro, mas vê Waymond resolvendo as coisas do modo dele, amigável, otimista e gentil. E começa a refletir sobre levar a vida do mesmo modo de Waymond.

WAYMOND: Evelyn, o que você está fazendo?

EVELYN: Estou aprendendo a lutar como você.

Evelyn calmamente se esquiva de um chute, desvia de um punho fechado com uma alça de caneca quebrada. Ela faz um devoto do Bagel e um viajante do Alfaverso se beijarem, ela transforma uma granada em um vidro de perfume que borrifa uma fragrância nostálgica no rosto de Rick, ela alonga e estala a coluna de alguém - de um jeito bom. (Tudo..., 01:54:40)

Waymond talvez seja um “realista esperançoso”. Como diria Ariano Suassuna: “Não sou nem otimista, nem pessimista. Os otimistas são ingênuos, e os pessimistas amargos. Sou

um realista esperançoso. Sou um homem da esperança. Sei que é para um futuro muito longínquo. Sonho com o dia em que o sol de Deus vai espalhar justiça pelo mundo todo.” (Ariano, 2018). A bondade, a gentileza não são por ingenuidade, são uma escolha. É ter consciência das inconsistências e absurdos no mundo, admitir a sensação de confusão, abraçar a incerteza e, em caso de dúvida, escolher o caminho da gentileza.

Se é para seguir vivendo, que seja para momentos que construam, que preencham. “Consciência e revolta, estas recusas são o contrário da renúncia. Pelo contrário, tudo o que há de irreduzível e apaixonado num coração humano, lhes insufla ânimo e vida.” (Camus, 2017, p.94). O vazio é a constante, se é para seguir vivendo não pode ser com memórias, atividades e relações que vão nos fazer sentir ainda mais vazios, ou que vão consumir e arruinar o que foi construído, tornando todo o esforço vão.

Neste momento, após a revolta, para o indivíduo a consciência do absurdo, do fato de que não temos controle do que pode acontecer, que tudo pode se tornar caos, já está estabelecida. Mas estamos inseridos em uma sociedade que precisa da nossa automatização, as contas continuam existindo, as necessidades básicas ainda precisam ser conquistadas através do trabalho repetitivo. Todos estamos presos a esta realidade. Precisamos separar o que é essencial para nós e o que é “jogar o jogo”. Camus nos lembra que “querem ganhar dinheiro para viver felizes e concentram todo o esforço e o melhor de uma vida em ganhar esse dinheiro. Esquecem da felicidade, confundem o meio com o fim.” (2017, p.168)

Ainda no filme, Jobu não pode morrer por causa das habilidades que adquire com o multiverso. Ela morre em apenas uma versão, mas não de vez. O bagel era a tentativa de se eliminar por completo, sem rastro em qualquer universo. Um suicídio efetivo em resposta à falta de uma forma de lidar com o vazio da confusão e do caos. Quanto a Waymond, a essência dele no multiverso é baseada no otimismo e na compreensão do desconhecido. Não na revelação do que é desconhecido, mas na aceitação tranquila de que o desconhecido não precisa ser necessariamente ruim. E isso pode se referir a uma situação, mudança, uma pessoa, ou ainda o próprio futuro. A felicidade não está mais em alcançar o objetivo final, mas em como se trata a vida e as pessoas ao seu redor ao longo do caminho. “É preciso imaginar Sísifo feliz.”, sua vida não se resume mais a levar a pedra até o topo, isso é apenas uma referência, o que importa agora é apreciar o caminho ao longo da montanha.

JOY: Então... o quê? Você vai só ignorar todo o resto? Você poderia ser qualquer coisa, em qualquer lugar. Por que não ir a algum lugar onde sua

filha é mais do que só ... isso. Aqui, tudo que conseguimos é apenas uma amostra de tempo onde alguma coisa faz sentido.

EVELYN: Então eu vou apreciar essas poucas amostras de tempo.
(Tudo..., 02:06:57)

A consciência do absurdo torna o presente mais valioso e importante. É o único momento que pode ser conscientemente e plenamente vivido. Parte do medo do fracasso dentro da sociedade é o medo do caos, e o medo pode levar ao sofrimento, à raiva. A única chance de que a vida seja menos dolorida e vazia é exercendo a bondade e gentileza em relação a todos.

Logo, a consciência de que nada importa, nos dá o poder de determinar o que importa. Como dizem por aí “Onde tudo é urgente, então nada é urgente.” Ao invés de receber passivamente o que nos aparece para vivenciar de acordo com a expectativa dos outros, das normas sociais, dotados dessa consciência, nós faremos escolhas mais estratégicas, mais significativas com a segurança de que aquela experiência não está contaminada com a culpa do passado e nem com as condições determinadas por um futuro que apenas imaginamos certo. O único momento que existe é o presente. “Após identificar sua revolta, liberdade e paixão; as qualidades das experiências importa; o presente importa, rejeita o suicídio e vive como homem absurdo/revoltado. “(Camus, 2017, p.106)

E todas as pessoas estão passando por todo esse caos, por essa confusão pela primeira vez, então todos nós podemos ser gentis. E mesmo que o outro não retribua com a mesma gentileza, o que fizemos no passado não vai se tornar um instrumento para a culpa. A vida segue. E apesar de não termos controle do futuro, só a gentileza no presente abre a possibilidade de que algo bom possa ser gerado no futuro.

E a falta de expectativa da consequência exata desse futuro traz a sensação de plenitude, de viver um presente cada vez mais consciente com um entendimento claro do que importa e o que vai contribuir para compor a essência do indivíduo. Isso sim fará parte do passado, acompanhará no futuro e preencherá aos poucos o vazio da consciência do absurdo. “O absurdo me esclarece o seguinte ponto: não há amanhã.” (Camus, 2017, p.97)

3. CONCLUSÃO

É possível encontrar pontos em comum entre as duas obras, apesar de serem de épocas diferentes (1942 e 2022). Porém, o objetivo original do filme não é ser um retrato do Absurdo. Aparenta ser apenas uma reflexão individual de como lidar com as pressões sociais que ocorrem atualmente e que aos poucos se tornam mais explícitas para o indivíduo. Não há uma intenção de revolução social ou política, ou a solução para o suicídio, ao passo que Camus nos faz refletir também sobre a sociedade e como essa mesma sociedade reage a esse indivíduo que não contribui para a manutenção da “conformidade”.

Tendo um olhar mais aprofundado do absurdo de Camus é possível reconhecer no filme elementos e momentos que dialogam com o texto. O cinema aproxima e contagia com muito mais intensidade, atingindo o espectador de um modo mais imediato, do que a leitura de um livro teórico que exige um interesse pela leitura, tempo e atenção com a mensagem do texto.

A essência da ideia do Absurdo é a tomada de consciência e a existência consciente. Se o indivíduo decide voltar tudo como era antes, se a vida vai seguir automática, que seja a partir de uma escolha ou que no mínimo se tenha consciência da falta de escolha gerada pelas necessidades da vida. As expectativas, a necessidade da obrigação e o cumprimento ou não do fluxograma social não definem o indivíduo. São suas escolhas conscientes que vão tornar tudo mais significativo e pleno.

BIBLIOGRAFIA

ARIANO Suassuna - Sangue Latino, Canal Brasil, Youtube, 2018, duração: 22 minutos, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=42ib2FJMEwQ>, Acesso em: 04 nov. 2025.

ARISTÓTELES. *La politique*. Tradução de J. Tricot. Paris: Vrin, 1982.

BISHOP, S.R., Lau, M., Shapiro, S., Carlson, L., et al. (2004). "Mindfulness: A Proposed Operational Definition", *Clin Psychol Sci Prac* 11:230–241.

BULFINCH, T. O livro de ouro da mitologia. Tradução de David Jardim. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000

CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. Tradução de Rumjanek Valerie. São Paulo: Editora Record, 2017

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015

KRISTENSEN, Stefan. *Maurice Merleau-Ponty, une esthétique du mouvement*. Archives de Philosophie, 69 (1) (Printemps 2006), p. 123. Apud. VIEGAS, Susan. Opt. cit.

MACEDO, Tarcísio. *Metaverso ou Multiverso? Entenda as diferenças desses conceitos*. FGV, 27 jul. 2023 Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/metaverso-ou-multiverso-entenda-diferencas-desses-conceitos>. Acesso em: 04 nov. 2025.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Sens et Non-sens*: Gallimard, 1996. p.42

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de José Carlos Cossoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 79

QUINO, J. L. Toda Mafalda. São Paulo: Martins fontes, 2003.

RIBEIRO JR., Wilson A. *Sísifo*. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. Disponível em: greeciantiga.org/arquivo.asp?num=0170. Data da consulta: 30/11/2025.

TUDO em *Todo o Lugar ao Mesmo Tempo*. Direção: Daniel Scheinert, Daniel Kwan. Produção: Daniel Scheinert Estados Unidos : A24, , 2022. Streaming